

## MADAME BOVARY: A DESCONSTRUÇÃO DO ETERNO FEMININO NA LITERATURA FRANCESA DO SÉCULO XIX

Luana Pantoja Medeiros; Alessandro Melo Medeiros

*Universidade do Estado do Amazonas, Bolsista de Iniciação Científica FAPEAM, luana.pantoja.am@hotmail.com;*

*Universidade Federal do Amazonas, Bolsista e Pesquisador FAPEAM, philos\_aletheia@hotmail.com*

### **Resumo:**

Este estudo faz uma análise da obra *Madame Bovary* do escritor francês Gustave Flaubert e tem como objetivo identificar a desconstrução da figura feminina do século XIX representada na personagem de Emma Bovary. Para tanto, tece comparações entre o modelo de mulher idealizada pela sociedade francesa descrita há quase 100 anos após o lançamento do romance, e as reflexões realizadas pela filósofa existencialista Simone de Beauvoir em seu livro *O Segundo Sexo*, considerada uma autora consagrada para os estudos de gênero. O estudo utiliza como metodologia uma pesquisa bibliográfica a partir da qual expõe uma discussão teórica demonstrando através do Romance uma ruptura com o tradicional que vem desde o iluminismo, desconstruindo uma série de conceitos predeterminados, superando uma série de paradigmas. Esta crítica social em forma de romance vem desmascarar a romantização da condição servil da mulher e a hipocrisia da sociedade burguesa, ilustrada por personagens medíocres, mergulhados em um falso moralismo. Trabalhando essa perspectiva, busca-se compreender o papel da protagonista como crítica social aos valores da época no contexto da estética realista de Flaubert e a influência de ideais a frente de seu tempo, vistos no movimento feminista do século XX, que abrange a luta pela igualdade de direitos civis e trabalhistas. Ninguém jamais havia representado a mulher de forma tão depreciada como Flaubert, e como um espelho da sociedade, esta narrativa vem denunciar a forma como a mulher é tratada, como objeto, sem essência, sem desejos, sem liberdade e sem direitos, resignando assim ao que Simone de Beauvoir conceitua como eterno feminino, ou seja, uma visão que enclausurava a mulher dentro de uma condição própria da sociedade patriarcal. A narrativa mostra-se viva em nossos dias atuais, pois ao que tange a vertente da desigualdade de gênero, muitas coisas ainda precisam mudar. A mulher ainda ocupa o lugar que sempre ocupou na sociedade, e como fatores sócio histórico e culturais, ela ainda resiste em se resignar do que a sociedade para ela forjou. Palavras-chave: Desconstrução, Feminismo, Literatura Francesa, Filosofia Existencialista.

### **Introdução**

O romance *Madame Bovary* de Gustave Flaubert é um texto que inaugura o gênero literário realista e choca a sociedade do século XIX com a protagonista Emma Bovary, uma mulher burguesa de grandes sonhos e ambições, criada no campo. Casa-se com o médico interiorano Charles Bovary com quem tem uma filha, mas infeliz no casamento se sente presa e na busca pela liberdade e felicidade passa a ter atitudes e pensamentos que atacam os principais valores da época. Mello (2012, p. 115) destaca como inicialmente o lançamento de *Madame Bovary* foi recebido pela crítica em sua grande parte de forma hostil. Todavia, aquém das críticas, também provocou impressões de uma obra pródiga, que justifica o seu sucesso até os dias atuais.

Em seu entendimento [de GENGEMBRE], a obra é forte, repleta de sensualidade, violenta e desesperada. Gengembre critica os leitores que veem em *Madame Bovary* uma glorificação do adultério. Esses, segundo o autor, têm uma moral mesquinha e repugnante e são incapazes de ver quem fala e sobre o que se fala. Assim, a obra tem o poder de desestabilizar os leitores: “*Madame Bovary est un roman à portée sociale, sinon idéologique*”<sup>1</sup> (GENGEMBRE, 1990, p. 112 apud MELLO, 2012, p. 115-116).

A personagem Emma vem romper com os aspectos literários do romantismo, uma vez que suas características fogem a mulher idealizada pelos escritores românticos, embora não seja tão simples situar *Madame Bovary* a partir de uma análise sociológica e histórica que se constrói nos cenários da literatura realista (EVRARD; VALETTE, 1999; LLOSA, 1979).

Mas não há como negar que a obra de Flaubert rompe com a construção do papel feminino idealizado ao longo do tempo pela cultura e através de convenções sociais que historicamente aprisionaram a mulher em uma posição de resignação e submissão ao sexo masculino. Por isso Gengembre (1990) pondera que o romance de Flaubert é essencialmente *realista*, alterando e até mesmo subvertendo a escrita romanesca. A frase de Winter (2009, p. 194 apud MELLO, 2012, p. 124) a este respeito é categórica: “*Madame Bovary* é o romance contra o romantismo”.

O fato é que, desde o título da obra até o fim trágico de Emma – o seu suicídio –, temos elementos para refletir sobre a condição feminina. Sobre o título da obra assim se expressa Mello (2012, p. 108):

De um livro chamado *Madame Bovary* espera-se a narrativa sobre uma mulher casada. O nome próprio tem como referência um estado civil, ainda que, para Duchet (1976, p. 143), “*rien dans ce titre n’appartient à Emma*”<sup>2</sup>, ou seja, o sobrenome de *Bovary* pertence a Charles e o título de *Madame* não faz exatamente jus ao papel da personagem no romance (MELLO, 2012, p. 108).

Já o seu suicídio não deve ser visto como um apagamento da voz da mulher, mas antes uma personagem que luta contra todas as barreiras existentes na época, como a moral, a religião, a lei; o que, na realidade, pode ser visto como uma forma de denúncia a violência social sofrida pelas mulheres condicionadas a viver em uma sociedade patriarcal, e que dá origem ao papel transgressor de uma mulher questionadora e que luta por sua emancipação.

Desta forma pretende-se, com esta comunicação, analisar como a obra de Flaubert “desconstroi o eterno feminino” dado pelo contexto histórico e social da mulher do século XIX e os valores que são dados pela sociedade patriarcal, a partir de uma crítica social em forma de romance

<sup>1</sup> “*Madame Bovary*, um romance de impacto social, até ideológico” (MELLO, 2012, p. 116)

<sup>2</sup> “Nada nesse título pertence a Emma” (MELLO, 2012, p. 108)

que vem desmascarar a romantização da condição servil da mulher e os valores da sociedade burguesa. Por conseguinte, esta comunicação contribui com o processo de construção de uma identidade de gênero, deslocando o pensamento patriarcal através da escrita literária, a partir do momento em que destaca o processo de desconstrução do *Falocentrismo*, ou seja, a dominação ideológica da sociedade patriarcal que toma o *falo* como ponto de referência e pensa a mulher sempre em relação com o homem, relação que é de submissão e subordinação. Como metodologia este estudo utiliza a pesquisa bibliográfica a partir da qual expõe uma discussão teórica demonstrando através do Romance uma ruptura com o tradicional, desconstruindo uma série de conceitos predeterminados, superando uma série de paradigmas.

### **O papel da mulher no século XIX**

O papel da mulher no século XIX é definido em parte pela igreja, mas principalmente pela cultura e tradição que criaram e definiram um parâmetro de mulher que por natureza era inferior em sua condição física, devendo ficar reservada somente à função de procriação e aos afazeres domésticos. Muitas vezes não podiam estudar e quando isso acontecia sua educação se resumia às primeiras letras. No padrão europeu, a mulher não deveria andar desacompanhada pelas ruas e deveria casar-se muito cedo para adquirir experiência matrimonial, no entanto, esse marido era escolhido por seu pai de acordo com os seus interesses financeiros. Esse padrão afirmava que as mulheres eram feitas somente para procriar, ser carinhosa e uma excelente dona de casa.

É possível perceber como esse traço cultural do patriarcalismo se revela a partir do próprio título da obra de Flaubert: *Madame Bovary* é composto por um pronome de tratamento que revela seu *status quo* e o sobrenome que recebera do marido após o casamento. Apesar do título da obra ser *Madame Bovary*, ela inicia e termina com a história de seu esposo, ou seja, a identidade de Emma e sua própria vida gira em torno do seu marido. E a despeito de tudo isto, Emma é uma personagem que pensa e age contra as barreiras sociais de seu tempo, ela tem consciência de que vive em uma sociedade patriarcal onde ao homem é dado maior liberdade que à mulher. Este fato é notório quando Emma idealiza sua gravidez em torno de um filho homem.

Desejava um filho; ele seria forte e moreno e se chamaria Georges; e a ideia de ter um filho homem era como a esperança da compensação de todas as suas impotências passadas. Um homem pelo menos é livre; pode percorrer as paixões e os países, atravessar os obstáculos, agarrar a mais longínqua felicidade. Mas uma mulher é continuamente impedida. Inerte e flexível, ao mesmo tempo tem contra si a languidez da carne com as dependências da lei (p. 188).

A partir de tais parâmetros, Gustave Flaubert utiliza a personagem Emma Bovary como crítica social a esses valores transmitidos durante séculos e reafirmadas na Europa do século XVIII e XIX. Ao longo da trama literária Emma vai abandonando, aos poucos, o estereótipo de esposa recatada, devotada. Em *Madame Bovary* se desenha aos poucos a descaracterização da estética do Romantismo da idealizada mulher romântica. Se no início da obra Emma ainda sonha com o grande amor idealizado pelos romances, típico de uma jovem francesa burguesa, aos poucos ela descobre que vive uma vida que não satisfaz. Flaubert, através do personagem Emma, antecipa alguns questionamentos sobre a condição da mulher em sociedade, posicionando Emma em dissonância com o que se esperava da mulher de sua época.

Flaubert constrói o papel do feminino transgressor frente aos ideais burgueses do século XIX mas essa visão foi acompanhada de muitas críticas ao autor da obra. Flaubert foi inclusive acusado e levado ao tribunal em 1857 por ter ofendido a “moral e os bons costumes” mas foi absolvido pela Sexta Corte Correccional do Tribunal do Sena, em Paris.

A partir do seu inconformismo com a tradição Flaubert constrói a personagem, Emma Bovary, como crítica social a estes costumes que são abordados de maneira romântica, mas na realidade social, não o são. O discurso padronizado que se tinha sobre a mulher ideal é completamente desconstruído pelo autor que através dos aspectos mais baixos de traição, vício, mediocridade, infidelidade e degradação desconstroem a falsa visão que se tinha da mulher, tanto na sociedade, quanto na literatura.

### **O processo da desconstrução da figura feminina no século XIX**

O processo de desconstrução em *Madame Bovary* se dá através do casamento de Charles Bovary e Emma. O casamento era uma instituição utilizada para manutenção de status e as mulheres contribuía para isso através de sua postura como anfitriãs ou esposas e donas de casa. Os homens eram dependentes da imagem que suas mulheres transmitiam, no entanto, a autoridade familiar estava nas mãos do pai ou do marido. É contrariando este pensamento tradicional e a visão romântica que se tinha neste período que se desconstrói uma série de valores que eram falsos na sociedade. A protagonista vem representar todo o ódio e revolta de Flaubert com a realidade social, como Bourdieu (1991, p. 122) nos mostra, afirmando que o autor:

Era designado como chefe da escola realista, depois do sucesso de Madame Bovary, que coincide com o declínio do primeiro movimento realista, Flaubert fica indignado: “Acreditam-me apaixonado pelo real, enquanto o excreto; pois foi por ódio ao realismo que empreendi esse romance. Mas não detesto menos a falsa idealidade, pela qual somos logrados nos tempos que correm.

Na obra o casamento de Emma e Charles foi realizado com todas as pompas que uma mulher pode sonhar. Os viajantes vinham de todos os lados, rapazes que calçavam naquele dia o primeiro par de botas de suas vidas, meninas de quatorze ou dezesseis anos, em seus vestidos brancos da primeira comunhão, as senhoras com seus vestidos deslumbrantes à moda da cidade, “correntes de relógio de ouro, pelerinos com extremidades que se cruzavam ou pequenos lenços coloridos amarrados nas costas com um alfinete e que lhes descobriam a parte posterior do pescoço” (FLAUBERT, 2010, p. 41).

Logo no início do casamento Emma realiza, com felicidade e sem nenhuma outra preocupação, seu papel de esposa e dona do lar: refeições a dois e passeios à tarde pela estrada; a visualização da imagem da luz do sol ao acordar, na cama pela manhã.

Durante os primeiros dias, ocupou-se em meditar transformações para sua casa. Retirou os globos dos castiçais, mandou colar papéis novos, pintar novamente a escada e fazer bancos para o jardim, ao redor do quadrante solar; informou-se mesmo sobre como fazer para ter um tanque com jato d’água e com peixes (FLAUBERT, 2010, p. 49).

E tudo isto “ruminando sua felicidade como os que ainda mastigam, após o almoço, o gosto das trufas que estão digerindo” (FLAUBERT, 2010, p. 51). E apesar de Emma haver alimentado o “sonho de mulher” tão presente nos romances, como quando lera *Paul et Virginie*, de Bernardin de Saint Pierre, e a história do amor de dois jovens, não demora muito para que Emma seja tomada por inúmero pensamentos e reflexões sobre sua vida procurando “saber o que se entendia exatamente na vida, pelas palavras *felicidade, paixão, embriaguez*, que lhe haviam parecido tão belas nos livros” (FLAUBERT, 2010, p. 51 – grifos do autor) – renunciando a reviravolta que sucederia ao seu papel de esposa tradicional.

Emma é uma mulher sonhadora que busca viver paixões prodigiosas, mas após o casamento com Charles, se vê presa ao conformismo e acomodação de um marido sem sonhos e ambições que sequer tinha ciúmes em momentos que a verdade estava escancarada em sua cara, pois a visão que ela tinha do amor que lia em seus romances era completamente diferente. Então a partir desta inquietação, a personagem mostra-se completamente revoltada com sua condição de esposa que vive para o marido e mantém uma boa aparência na frente dos amigos e familiares. Com essa

inquietação, Flaubert choca a sociedade do século XIX com uma personagem feminina nunca vista antes na literatura, pois a mesma busca em outros homens saciar suas frustrações amorosas. Além disso a sua condição de mãe também a revolta, passando a deixar sua filha aos cuidados da criada por não ter paciência e detestar amamentar. Mello (2012, p. 135) ressalta como a característica materna de Emma é negativa: “apreendemos, da leitura desse romance, que Emma, desde a gestação de Berthe, tem dificuldades em aceitar a maternidade, rejeita a filha e até mesmo a maltrata”.

Berthe, desde o nascimento, passa a ser um peso na vida de Emma [...] A criança está sempre doente, com cólicas e tosse incessante, tem dificuldades de aprendizagem e chora sem parar [...] Emma não amamenta sua filha, outra mulher o faz em seu lugar. O simples fato de ir até a casa da ama de leite para visitar a filha é, para Emma, um sacrifício (p. 136).

Aos poucos o tédio e a monotonia vão tomando conta do coração de Emma e a jovem casada, dedicada, é substituída por uma outra, de aventuras amorosas e perigosas, de sexo com seus amantes. O mundo interior de Emma, com seus pensamentos e desejos, vai entrando em conflito com seu mundo exterior.

A fase da “lua de mel” ou os mais belos dias de suas vidas não tardaram a mudar de cenário e “à medida que se estreitava mais a intimidade de suas vidas, realizava-se um afastamento interior que a desligava dele [seu esposo]” (FLAUBERT, 2010, p. 60). Charles não era o ideal do homem romanesco: ele não sabia nadar, esgrimir ou atirar e nunca tivera a curiosidade de ir ao teatro ver os atores de Paris. Charles “nada ensinava, nada sabia, nada desejava” (FLAUBERT, 2010, p. 60). Não demorou muito para Emma ser atingida pela melancolia, pelo tédio, pela frieza da vida e sentir que a paixão de Charles nada mais tinha de tão exorbitante. A paixão tornou-se um hábito como a monotonia do jantar que tem sua hora programada. “Suas expansões haviam-se tornado regulares; ele a beijava em determinadas horas” (FLAUBERT, 2010, p. 63). Até que Emma foi tomada pela fatídica pergunta: “- Por que, meu Deus, eu me casei?” (FLAUBERT, 2010, p. 64).

Aos poucos Emma vai alimentando paixões em seu coração e no seu imaginário. Primeiro com o Visconde com o qual dançara no baile do castelo do Marquês d’Andervilliers, cujas lembranças permaneceram vivas na memória de Emma por um bom tempo, a ponto de Emma estabelecer relações entre o Visconde e seus personagens literários e inventados. Depois a paixão secreta por Léon, em Yonville<sup>3</sup>, mas que só irá se concretizar em Rouen.

<sup>3</sup> As frustrações de Emma chegaram a tal ponto que ela foi acometida de uma crise nervosa que fez com Charles buscasse um outro lugar para morar, na esperança de que novos ares pudessem favorecer sua amada. Foi então que eles se mudaram para a vila de Yonville – l’Abbaye, nas circunscrições de Neufchâtel.

A monotonia do novo lugar e a companhia constante de Léon criou um certo laço de amizade entre ambos que aos poucos ia se transformando em algo mais. Tanto Léon quanto Emma passaram a alimentar pensamentos em suas mentes. E Léon passou boa parte da obra se torturando sobre como descobrir para declarar sua paixão a Emma “sempre hesitando entre o temor de desagradar-lhe e a vergonha de ser tão pusilânime, chorava de desânimo e de desejo. Em seguida tomava decisões enérgicas; escrevia cartas e as rasgava” (FLAUBERT, 2010, p. 131-132) e quando finalmente estava decidido a se declarar, desistia tão logo se achava na presença de sua amada. Emma por sua vez se pegava pensando em Léon quando estava sozinha e quando fitava-o de longe achava-o encantador, lembrando-se de “várias atitudes do jovem em outras ocasiões, frases que dissera, o som de sua voz, toda a sua pessoa” (FLAUBERT, 2010, p. 134).

Rodolphe foi o seu primeiro amante. Depois de uma certa resistência, Emma entrega-se aos encantos de Rodolphe.

Repetia a si mesma: “Tenho um amante! Um amante!”, deleitando-se com essa ideia como com a de uma outra puberdade que a tivesse atingido. Portanto, ia possuir enfim aquelas alegrias do amor, aquela febre de felicidade da qual desesperara. Entrava em algo maravilhoso, onde tudo seria paixão, êxtase, delírio (FLAUBERT, 2010, p. 206).

Mas se o casamento não passou de uma ilusão para Emma, o mesmo pode ser dito de suas aventuras amorosas. Emma chegou inclusive a fazer planos com Rodolphe. Mas Emma não passava de uma aventura para Rodolphe. A sua paixão por Rodolphe é mais uma frustração na vida amorosa de Emma e depois com Léon. As relações extraconjugais de Emma seguiram um projeto paralelo ao do casamento: sedução, prazer, monotonia, desgaste e desilusão, que Emma tentou compensar com possessividade e consumo. Frustrada no amor e cheia de dívidas, levando seu marido à falência, Emma não vê outra saída senão no suicídio.

Emma morre vítima dos homens que a usam: sexualmente, como Rodolphe e Léon; economicamente, como Lheureux. Sua morte proposital se dá por não encontrar uma saída para pagar os credores de quem emprestava dinheiro, como Lheureux, para bancar sua vida dupla em Yonville (com seu esposo Charles) e em Rouen (com seu amante Léon), em meio a toda essa frustração na busca por liberdade e felicidade. A sociedade em que vivia não permitia tal ambição.

A resistência ao modelo de mulher que desde a infância foi educada para o matrimônio, servindo apenas para cuidar dos filhos e afazeres domésticos é a principal arma de Gustave Flaubert contra a hipocrisia social da época que fere drasticamente a classe burguesa. Como realista o autor expõe a realidade com verdade e neutralidade de coração, pegando os aspectos mais negativos da

época, criando uma personagem sombria e corrompida por esta mesma sociedade. Isto, sendo uma característica realista se torna um grande acidente literário que adiantou em um século, os valores de libertação e emancipação da mulher no movimento feminista na segunda metade do século XX.

## **Bovary e Beauvoir**

A descaracterização da figura feminina Madame Bovary acontece a nível literário. As características atribuídas à personagem por Flaubert é o retrato fiel da condição do gênero feminino de sua época, mais o rompimento com as barreiras que permeiam essa estética que é destruída sob a ótica do realismo.

A narrativa revela como o autor representa a mulher. Emma é a representação idealizada da mulher de sua época, porém o abismo que separa a mulher sonhadora da mulher dissimulada e traiçoeira junta-se quando a intensão do autor é justamente denunciar o estado de mediocridade das pessoas tanto do homem quanto da mulher, dos dogmas da religião e do casamento que mais tarde, deu margem ao movimento feminista.

Esta temática serve para dar eco às críticas políticas que são feitas as instituições como o casamento e a igreja. A sociedade da época estava presa e só conhece a formula racional. Emma é uma jovem provinciana, sonhando com um grande amor, o dos romances. É uma figura dramática que passeia pela metalinguística, “vive” um romance imersa em outros romances. Vê-se e se sabe como personagem e para ela a vida a que foi destinada, não a satisfaz. (MICHILES, 2012, p. 4).

O adultério, principalmente o feminino, era um grande tabu na época, no entanto não é o tema central da personagem ou da trama. Emma transparece a busca pela liberdade pessoal, a fuga de paradigmas religiosos, de imposições culturais, e até mesmo exalta o grande contraste existente entre as pessoas do campo e da cidade.

Ao que tange a vertente do feminismo caracterizada na intensão de denúncia literária, a filósofa existencialista Simone de Beauvoir, posteriormente a esta obra em um século após a publicação de *Madame Bovary* na França, lança *O segundo sexo* que ficou conhecido mundialmente como a bíblia feminista, embora em tempos diferentes, vem denunciar em uma linguagem acadêmica e não literária, as condições da mulher, a desigualdade de gênero e a mediocridade imposta pela sociedade francesa ainda muito parecida com a sociedade a qual é descrita por Flaubert.

No primeiro capítulo da obra *O segundo sexo* Beauvoir (1970), despojada de qualquer preconceito, elaborou um dos mais lúcidos estudos sobre a condição feminina e cunhou o termo “eterno feminino”. O “eterno feminino” que representa o desejo da casta dominante de manter o seu lugar e de manter a mulher como escrava de sua própria situação.

A obra de Flaubert ao mesmo tempo em que retrata o “eterno feminino” (sobretudo no início da obra quando Emma ainda representa a mulher que sonha em se casar), rompe com essa visão (quando Emma começa a fugir dos parâmetros estabelecidos socialmente para o papel da mulher). Tanto para Beauvoir quanto para Flaubert, a condição feminina é reflexo de uma desigualdade entre os gêneros que sempre existiu, mas que precisa ser denunciada por violar os direitos da mulher, por negar-lhe o direito de ser livre para ser o que quiser e não um ideal a ser seguido. O que seria então a verdadeira mulher? Aquela que a sociedade idealiza como frágil, resignada e submissa ao marido, nascida e criada para o casamento e condicionada a vida inteira para isso?

Esta interrogativa permeia todas as ações de Emma Bovary, ela sonha com um casamento perfeito, igual aos que lia em seus romances proibidos, porém a realidade foi cruel quanto aos fatos, o casamento não lhe trouxe felicidade, não realizou seus sonhos, muito pelo contrário, os destruiu. Se no início a personagem nutre-se de anseios por uma vida romanesca nos livros, muito cedo acaba por se deparar com a imensa distância entre os sonhos e a realidade.

As características de Emma que desconstroem a figura da mulher não estão presentes em seu discurso, mas em suas ações: ela trai, mente, sente nojo da filha, é o oposto do que se poderia ser uma esposa bem comportada, apesar de ter sido criada para o casamento e ter sonhado a vida toda com este acontecimento. Como as coisas, naturalmente teriam de seguir o curso normal da vida, para as mulheres o casamento era apenas uma etapa da vida a ser cumprida.

O destino que a sociedade propõe tradicionalmente a mulher é o casamento. Em sua maioria ainda hoje as mulheres são casadas, ou o foram, ou se preparam para sê-lo, ou sofrem por não ser. É em relação ao casamento a celibatária, sintase ela frustrada, revoltada ou mesmo indiferente ante esta instituição. (BEAUVOIR, 1967, p. 165).

Não havia resistência quanto ao casamento. Emma não resistiu ao casamento, casou-se respeitando o curso natural da vida em sociedade e jamais poderia imaginar seu destino tão infortúnio, miserável e angustiante o que determinou seu fim trágico.

Emma não aceitara seu destino, não aceitava seu marido a quem tinha nojo, não aceitava a filha deste casamento, rompeu a barreira com a naturalidade das coisas, aventurou-se por muitas vezes em busca de felicidade cometendo adultério.

## Considerações finais

O romance de Gustave Flaubert *Madame Bovary* destaca-se por sua ruptura com o tradicional, desconstruindo uma série de conceitos e pensamentos em choque com os valores sociais de sua época. Assim, esta crítica social em forma de romance vem desmascarar o idealismo romanesco e a sujeira da sociedade burguesa com personagens medíocres mergulhados em um falso moralismo.

Flaubert representou como poucos a mulher de forma tão depreciada, porém como um espelho da sociedade, esta narrativa vem denunciar a forma como a mulher é tratada, como objeto, sem essência, sem liberdade e sem direitos, resignando assim ao que a filósofa existencialista Simone de Beauvoir chama de *eterno feminino*.

Em síntese, esta narrativa mostra-se viva em nossos dias atuais, pois ao que tange a vertente da desigualdade de gênero, muitas coisas ainda precisam mudar. A mulher ainda ocupa o lugar que sempre ocupou na sociedade, e como fator sócio histórico e cultural ela ainda resiste em se resignar do que a sociedade para ela forjou.

## Referências Bibliográficas

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo: fatos e mitos**. Tradução de Sergio Milliet. 4. Ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970. Vol. 1.

BOURDIEU, Pierre. **As Regras da Arte: Gênese e estrutura do campo literário**. Trad. Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

EVARD, F.; VALETTE, B. **Gustave Flaubert**. Ellipses, 1999.

GENGEMBRE, G. **Gustave Flaubert: Madame Bovary**. Paris: Presses Universitaires de France, 1990.

LLOSA, M. V. **A Orgia Perpétua: Flaubert e Madame Bovary**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1979.

MELLO, Renata Aiala. **Flaubert, Madame Bovary e Emma Bovary: ecos de ethos**. Dissertação (Mestrado em Linguística). Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras. Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2012.

MICHILES, Haroldo Cesar. **Sombra e feminismo em Madame Bovary**. IJUSP-Instituto Junguiano de São Paulo. Curso de Especialização em psicoterapia Junguiana. Brasília, 2012.